



Contando histórias

Dinâmica 8

9º Ano | 2º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	9º Ano do Ensino Fundamental	Enredo, narrador, foco narrativo.	Identificar o conflito gerador do enredo, o narrador e o foco narrativo.

DINÂMICA	Contando histórias.
HABILIDADE PRINCIPAL	H21 – Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem textos narrativos.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H04 – Identificar o tema de um texto.
DESCRIPTOR DO CURRÍCULO MÍNIMO	Identificar narrador, foco narrativo, espaço, tempo, personagens e conflito.

Professor(a), nesta dinâmica você desenvolverá as seguintes fases com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Apresentação e discussão inicial.	Leitura do texto e discussão orientada.	20 min	Toda a turma.	Oral/ Coletivo.
2	Exercícios e aprofundamento do conteúdo.	Análise textual, exposição oral e sistematização.	40 min	Duplas ou trios.	Escrito/Oral/ Coletivo.
3	Autoavaliação.	Questões objetivas.	20 min	Toda a turma.	Escrito/ Individual.
4	Etapa opcional.	Produção textual.	20 min	Duplas ou trios.	Escrito/ Coletivo.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Texto e ficha de leitura disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO INICIAL



LEITURA DO TEXTO E DISCUSSÃO ORIENTADA

Nesta dinâmica, realizaremos o trabalho importantíssimo que consiste em entender como se processa a identificação do *tema* de um texto. E por que esse processo é tão importante? Falemos um pouco sobre isso.

Um texto não pode ser visto como um emaranhado de frases soltas e ideias desconexas. Pelo contrário, elas devem estar organizadas e justapostas entre si, denotando clareza de sentido quanto à mensagem que se deseja transmitir. Esse conteúdo específico construído no movimento organizado de palavras e frases diz respeito a um *tema*, que é *aquilo de que o texto trata*. Sendo assim, é fundamental que, ao realizarmos a leitura de um texto, percebamos qual é o *tema*, ou seja, do que o texto em questão está tratando. Caso contrário, não conseguiremos entender o texto corretamente.

A estratégia, nesta dinâmica, para aprofundarmos a discussão sobre o *reconhecimento do tema de um texto* é relembrar o centenário do cantor e músico Luiz Gonzaga, comemorado no ano de 2012. Luiz Gonzaga foi o "*Rei do Baião*", pois o baião foi o gênero musical que ele modernizou e levou a todos os cantos do Brasil com um êxito enorme. Certamente, você conhece sua canção mais famosa: Asa Branca.

Então, faremos leituras de alguns trechos de uma canção de Luiz Gonzaga, de sua última entrevista e de uma reportagem. O objetivo principal é identificar o tema em cada um dos trechos e o tratamento que ele recebe. Aproveitaremos, também, para introduzir a ideia de subtema, que é um elemento presente em alguns textos, verificando, ao mesmo tempo, como se estabelecem as relações entre a escolha do título e o tema de um texto.

Sabendo que Luiz Gonzaga explorou em seu repertório o tema geral da realidade nordestina, vamos com ele caminhar pelos textos a seguir e acompanhar as pistas que esse universo deixa pelo caminho? Vamos entender como identificar o *tema* de cada texto desta dinâmica?

Condução da atividade

- *Faça, junto com os alunos, a leitura dos textos de forma silenciosa e em seguida solicite que dois ou mais alunos se ofereçam para reler o texto em voz alta.*
- *Contextualize os textos com a turma, realizando, para isso, a leitura da seção **Caleidoscópio**.*
- *Realize um debate sobre os textos com os alunos. Para isso, proponha as questões a seguir a fim de levar a turma a perceber a estrutura e a organização do tipo textual narrativo:*
 - *O que é contado no texto? Qual é o acontecimento principal? Quais são os acontecimentos secundários, mas que levam à compreensão do principal?*
 - *Quem são os personagens?*
 - *Quem conta a história?*
 - *De que ponto de vista a história é contada?*
 - *Onde a história acontece? Em que tempo: presente, passado ou futuro?*



Orientação didático - pedagógica

Professor/a,

*Inicialmente, os alunos devem ler em silêncio e individualmente os textos motivadores e a seção **Caleidoscópio**, que contém algumas informações sobre cada um dos autores e o respectivo romance de onde foram retirados os textos.*

*Em seguida, solicite que dois ou mais alunos façam em voz alta a leitura dos textos para a turma. Leia em voz alta as informações da seção **Caleidoscópio** e relacione-as aos textos lidos.*

*Após as leituras, é hora de conversar mais detidamente sobre os textos motivadores. Como o objetivo é a percepção dos elementos que compõem uma narrativa, faça as perguntas sugeridas na **Condução da Atividade**, com vistas a identificar se eles já reconhecem o enredo, o narrador, os personagens, o tempo e o espaço.*



Algo comum, entre os vários povos da terra, é o gosto pelas histórias. Parece que todo mundo gosta e sempre gostou de inventar, modificar, contar e ouvir histórias. As histórias abordam os mais variados assuntos. Explicam a origem da humanidade, como se deu a criação do céu e da terra, quais as diferenças entre o homem e a mulher... Essas histórias podem ser verdadeiras ou inventadas. Você vai ler agora duas narrativas, sobre temas distintos e contadas de pontos de vista diferentes. Boa leitura!

TEXTO I

A separação (Fragmento)

Tudo começou com um cheiro de purê de batata. Minha mãe fazia purê quando tinha algo do que reclamar ou estava de mau humor. Esmagava as batatas com mais força do que o necessário, com uma verdadeira fúria. Isso a ajudava a relaxar. Sempre gostei de purê de batata, ainda que na minha casa tivesse gosto de problema.

Naquela tarde, quando senti o cheiro do vapor que saía da cozinha, fui ver como estavam as coisas. Minha mãe não percebeu minha presença. Chorava em silêncio. Teria feito qualquer coisa para que ela voltasse a ser a mulher sorridente que eu tanto adorava, mas não sabia como alegrá-la.

A partir daquele momento, a ouvi soluçar todas as noites. Eu costumava acordar em horários esquisitos. Quando criança, adormecia e só despertava de manhã. Porém, aos treze anos, comecei a ter o “sonho escarlate”, um pesadelo recorrente. (...)

Nas noites de pesadelo, acordava com muita sede. Se a água que minha mãe deixava ao lado da cama já tivesse acabado, não me atrevia a ir até a cozinha, como se o “sonho escarlate” se passasse lá. (...)

Certa noite, acordei ainda mais assustado. Acendi a luz e olhei minhas mãos, com medo de que elas estivessem manchadas de sangue. Só havia as marcas de tinta com as quais tinha voltado do colégio. Olhei para o mapa-múndi e, antes de conseguir pensar em países distantes, ouvi alguém soluçando. O ruído vinha do corredor e tinha o tom inconfundível da voz da minha mãe.

Desta vez, criei coragem de sair. O pranto dela era mais importante que meu pesadelo, então fui, descalço, até o quarto de meus pais. Eles dormiam em camas separadas. As cortinas estavam abertas, e a luz da lua entrava no quarto e se espalhava sobre a cama do meu pai, que era a mais próxima da janela. Vi muitas outras camas desde então, mas nenhuma me impressionou tanto como aquela: meu pai não estava lá.

(...)

TEXTO II

Ao clarear do dia viu-se sozinho na vastidão do oceano. Enorme angústia apos-
sou-se dele; pôs-se a chorar desabaladamente. (...)

Chorou muito. Por fim, enxugou os olhos e olhou ao redor, conformado: lá-
grimas de nada lhe adiantariam. Precisava dar um balanço na situação e decidir o que
fazer.

O mar, liso, aliás, liso como espelho, estava cheio de destroços do naufrágio
— mas navio nenhum estava à vista, portanto poderia desistir de um resgate imediato;
mais tarde, talvez, ou nos dias que se seguissem. Quanto ao escaler, era sólido e es-
tava devidamente aparelhado para emergências: numa grande bolsa Max encontrou
alimentos enlatados, vasilhas com água, utensílios de pesca, lanterna elétrica. (...)

Teve então uma ideia: improvisar uma espécie de cabana com os destroços do
Germania que flutuavam a seu redor. Uma grande caixa de madeira, boiando a peque-
na distância, parecia adequada para isto. Com muito esforço, remou até lá.

Puxou a caixa para junto do barco. Examinou-a e constatou que tinha, na parte
superior, uma tampa fechada por um cadeado que agora, quebrado, parecia frouxo.
Max retirou-o.

Alguma coisa pulou de dentro da caixa, arremessando-o com força inaudita
contra o chão do escaler. Max bateu com a cabeça, perdeu os sentidos.

Aos poucos, foi se recuperando. Abriu os olhos.

O berro que soltou atroou os ares. Diante dele, sentado sobre o banco do es-
caler, estava um jaguar.

SCLIAR, Moacyr. **Max e os felinos**. Porto Alegre: L&PM, 2009. pp. 61-63.

VOCABULÁRIO	
ESCALER	Pequeno barco destinado para serviço de um navio.
INAUDITO	Que nunca se ouviu dizer; espantoso, extraordinário.
ATROAR	Fazer estremecer por efeito de um estrondo ou grande barulho.

Caleidoscópio

Juan Villoro nasceu em 1956, na Cidade do México. É escritor, jornalista e
tradutor, tendo recebido diversos prêmios por seu trabalho.

O livro selvagem é um romance que narra a aventura vivenciada pelo
menino Juan, de 13 anos, na biblioteca da casa de seu tio, onde foi passar
férias, por ocasião da separação de seus pais. O texto usado nesta dinâmica
é um fragmento do primeiro capítulo, em que o narrador mostra o que
levou o menino a ser distanciado da mãe e da irmã, tendo a oportunidade
de aproximar-se de seu tio, da leitura e de seu primeiro amor.

Moacyr Scliar nasceu em 1937, na cidade de Porto Alegre. Autor premiado, com mais de 60 livros publicados, já teve obras suas publicadas nos Estados Unidos, na França, na Alemanha, em Portugal, na Espanha, na Suécia, na Argentina e em outros países. Em 2003, foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras.

Max e os felinos foi lançado pela primeira vez em 1981. Neste livro, o jovem Max, um alemão fugindo do nazismo rumo ao Brasil, vivencia um naufrágio, tendo de conviver em um bote salva-vidas com um felino, pois o navio em que Max viajava transportava também animais de um zoológico.

Em 2002, o livro foi envolvido em uma polêmica internacional, pois Yann Martel, autor de **A vida de Pi**, foi acusado de plagiar o livro de Scliar. Com a mesma ideia, mas histórias diferentes, Martel admitiu ter se inspirado no livro escrito pelo autor brasileiro. Em 2013, o filme **As aventuras de Pi**, baseado no livro de Yann Martel, recebeu 5 Oscars.



ETAPA 2

EXERCÍCIOS E APROFUNDAMENTO DO CONTEÚDO



ANÁLISE TEXTUAL, EXPOSIÇÃO ORAL E SISTEMATIZAÇÃO

Você vai trabalhar com mais um ou dois colegas. Discuta com eles e registre as conclusões a que chegarem em seu material didático.

Condução da atividade

- *Divida a turma em duplas ou trios e peça que realizem a atividade de acordo com as conclusões a que o grupo chegar.*
- *Determine um tempo para a realização da tarefa e, após o término do tempo estipulado, faça a correção oral com a turma.*
- *Solicite que cada dupla ou trio leia uma resposta diferente.*
- *Faça a sistematização do conteúdo lendo o **Quadro para sistematização geral** e comentando o texto lido.*
- *Leia a seção **Caleidoscópio**.*



Professor/a,

Histórias são narrativas, isto é, contam uma série de ações que se passam em diferentes lugares e em diferentes épocas. Existem várias maneiras de se fazer uma narrativa. Algumas são feitas na forma de poemas, em versos, outras em prosa. Há narrativas longas, como romances, ou curtinhas, como piadas. Algumas têm muitos diálogos, outras são contadas de uma vez só, como num diário de viagem. Algumas são construídas para parecerem verdadeiras como as notícias de jornal, outras já mostram, desde o começo, que são inventadas, como as que começam com “Era uma vez”.

No caso dos Textos I e II, estamos diante de narrativas ficcionais em prosa, ou seja, narrativas inventadas escritas em parágrafos.

O **Texto I** trata do tema da separação dos pais. Já o **Texto II** aborda o tema da luta pela sobrevivência através das figuras do naufrágio e da convivência inevitável entre um jovem e um felino. Além da temática diferenciada, os textos também se distanciam ao estabelecerem pontos de vista, focos narrativos distintos. No **Texto I**, a história é contada da perspectiva de um menino de 13 anos, personagem central, protagonista. No **Texto II**, o narrador é apenas observador dos fatos narrados. É interessante observar que a escolha por um determinado foco narrativo produz efeitos de sentido diferentes em cada um dos textos. Quando uma história é contada por um narrador-personagem, em 1ª pessoa, o efeito criado é o de aproximação em relação aos fatos narrados, ou seja, cria-se um efeito de sentido de subjetividade. Quando uma história é contada em 3ª pessoa por um narrador-observador, o efeito criado é o de distanciamento do sujeito, logo, um efeito de sentido de objetividade.

Se julgar necessário, escreva no quadro a resposta das questões de números 6 e 7. Os trechos devem ficar assim, com pequenas diferenças:

Texto I: “Naquela tarde, quando sentiu o cheiro do vapor que saía da cozinha, foi ver como estavam as coisas. A mãe não percebeu sua presença. Chorava em silêncio. Ele teria feito qualquer coisa para que ela voltasse a ser a mulher sorridente que tanto adorava, mas não sabia como alegrá-la.”

Texto II: “Ao clarear do dia vi-me sozinho na vastidão do oceano. Enorme angústia apossou-se de mim; pus-me a chorar desabaladamente.”

“Chorei muito. Por fim, enxuguei os olhos e olhei ao redor, conformado: lágrimas de nada me adiantariam. Precisava dar um balanço na situação e decidir o que fazer.”

Após a realização da atividade e a exposição oral das respostas pelos grupos, leia com a turma o **Quadro para sistematização geral**, que conceitua os pontos principais a serem fixados, e a seção **Caleidoscópio**, que traz uma diferença interessante entre as ideias de autor, pessoa de carne e osso que escreve o texto, e narrador, ser de papel construído no e pelo texto.

Após a leitura e a discussão realizadas, leia as questões a seguir, converse com seus colegas e registre a resposta a que o grupo chegar, ou a sua, caso seja diferente da do grupo, em seu material.

1. Após a leitura e a discussão realizadas, identifique quais são os temas tratados em cada um dos textos. Justifique sua resposta com um trecho do texto que a comprove.

Texto I

Texto II

2. No Texto I, o que leva o menino a perceber
c. Que a mãe passava por um problema?

- d. Que o pai não estava mais lá?

3. No Texto II, o que leva o jovem à situação-limite de ter de conviver com um jaguar em uma pequena embarcação?

4. Em que pessoa do discurso é escrito cada um dos textos lidos?

Texto I: _____

Texto II: _____

5. Qual é o sentido criado pela escolha das pessoas do discurso em cada um dos textos?

6. Reescreva o 2º parágrafo do Texto I usando uma narração em 3ª pessoa. Faça as adaptações necessárias.

7. Reescreva os dois primeiros parágrafos do Texto II usando uma narração em 1ª pessoa. Faça as adaptações necessárias.

Quadro para sistematização geral	
NARRADOR	Aquele que conta a história.
NARRADOR-PERSONAGEM	Aquele que conta a história, da qual ele mesmo participa como personagem. Estabelece um ponto de vista ou foco narrativo de quem participou dos acontecimentos, narrando em 1ª pessoa.
NARRADOR-OBSERVADOR	Aquele que conta a história sem participar dela, narrando em 3ª pessoa os acontecimentos observados.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. O foco narrativo. São Paulo: Ática, 2000.

Caleidoscópio

“Quando lemos um texto, ele está pronto e acabado. Todavia, ele só existe porque foi produzido por alguém. O produto tem existência porque existe um produtor, alguém que escreve o texto, um autor. No entanto, os textos têm um responsável interno por sua organização, aquele que conta a história, que fala, que opina, que descreve, que argumenta. Por que responsável interno? Porque ele pode colocar-se no interior do texto, dizendo eu. Quem conta a história, quem é responsável pela organização do texto é chamado

de **narrador**. Não se pode confundir **narrador** com autor. Aquele é a voz com que este constrói o texto. A prova de que os dois não se misturam é o fato de que o narrador pode ser uma personagem da história.”

PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001. p. 174.



ETAPA 3

AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÕES DE MÚLTIPLA ESCOLHA

Nesta fase, você trabalhará sozinho para testar o que aprendeu nesta dinâmica. Leia com atenção os textos e os enunciados das questões, a fim de escolher a melhor resposta. Preste atenção na resposta comentada do professor e verifique se você chegou às mesmas conclusões.

Leia o texto a seguir para responder às questões.

Barulho na vizinhança

Acordei pela manhã com o barulho dos meus vizinhos. São sempre muito discretos, mas hoje fizeram uma barulheira incomum. Moro no segundo andar de um prédio. Um coqueiro já chegou à altura da minha janela e em sua palma duas rolinhas residem há algum tempo. São eles os meus vizinhos buliçosos. Logo eles que são habitualmente silentes. Ronronam durante a manhã e por volta do meio-dia arremedam um “fogo apagou” que enche o ar de preguiça e melancolia. Durante o resto do dia, permanecem mergulhados num silêncio monacal. [...]

Da minha janela não dá para saber qual o motivo de tanto alvoroço. Será algum gato que se aproxima? Ou o nascimento dos filhotes? Ou um natural azedume do arrebol? [...]

(1) Monacal: único.

(2) Arrebol: amanhecer ou entardecer.

Disponível em: <<http://www.neupoesias.hpg.ig.com.br/cronicas/barulho.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2011. Fragmento.

QUESTÃO 1 (SAERJINHO 2011)

No Texto, no segundo parágrafo, a sequência de interrogações sugere

- a. curiosidade.
- b. irritação.
- c. preocupação.
- d. surpresa.

Resposta

*O narrador do texto se mostra, no **primeiro** parágrafo, um tanto surpreso com a diferença observada no comportamento das rolinhas. A frase que inicia o segundo parágrafo já é uma forma de mostrar que o narrador quer saber “o motivo de tanto alvoroço”, pois ele usa uma frase interrogativa indireta. Assim, a sequência de interrogações posterior é uma demonstração da curiosidade do narrador, sendo correta a alternativa A.*

**QUESTÃO 2 (SAERJINHO 2011)**

Há uma opinião do narrador no trecho:

- a. “Acordei pela manhã com o barulho dos meus vizinhos.”
- b. “Moro no segundo andar de um prédio.”
- c. “Um coqueiro já chegou à altura da minha janela...”.
- d. “... que enche o ar de preguiça e melancolia.”

Resposta

Em todas as alternativas, o narrador enuncia fatos (como acordou, onde mora, altura do coqueiro), mas quando usa os substantivos “melancolia” e “preguiça” para falar do canto das rolinhas emite uma opinião, pois quem considera que o canto enche o ar com tais sentimentos é o narrador, sendo, portanto, correta a alternativa D.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2000.
- PLATÃO, Francisco; FIORIN, José Luiz. **Lições de texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001.
- SCLIAR, Moacyr. **Max e os felinos**. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- VILLORO, Juan. **O livro selvagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

